

Minha Porto Alegre

Você já sentiu que um lugar carrega a sua alma? Porto Alegre carrega a minha. Na infância, corria pelo pátio da Rua Diário de Notícias, escalava bergamoteiras com minhas vizinhas e sentia o sol no rosto, o cheiro das frutas maduras e da fumaça do churrasco que vinha dos apartamentos. Ríamos baixinho para não sermos flagradas, com o coração batendo rápido. A capital gaúcha era meu colo, meu abraço apertado, gravando cores e cheiros na minha memória.

Na adolescência, a cidade cresceu comigo. Cada rua me espionava, cada árvore tinha lembranças. No Parque da Redenção, sob ipês amarelos, tive meu primeiro beijo e o primeiro desgosto. As feiras de vinis, as antiquárias, os cafés da Ramiro Barcelos me viram rir e chorar. Porto Alegre me ensinava que crescer é aprender a lidar com o mundo, mesmo quando ele parece grande ou pequeno demais, e que cada passo deixa rastros que só a cidade reconhece.

Na maturidade, a vida pesava e encantava. Pegava a linha 6372, sentia o cheiro de peixes do Mercado Público e do carreteiro de domingo, percebendo que a cidade acompanhava minhas escolhas: trabalhar, criar filhos, formar uma família. Cada rua dizia: “Aqui você passou, aqui sorriu, aqui aprendeu.” Porto Alegre me mostrou que viver não é só sobreviver, mas achar beleza no cotidiano.

Hoje, na velhice, sento na cadeira de balanço e penso: se você olhar bem, vai me ver em cada rua, árvore e canto do Guaíba dourado pelo sol. Tricotando tapetes vermelhos, amarelos e verdes, lembro do cheiro de bergamotas, do primeiro beijo, do chimarrão e do churrasco de sábado. Porto Alegre é minha pele, meu sangue e memória. Não partiria daqui: minha alma já se espalhou por cada pedra e esquina. Porto Alegre e eu somos a mesma coisa — e, se quiser, você pode sentir isso também.

Mariana Lisboa, 2ºB

Crônica Reflexiva